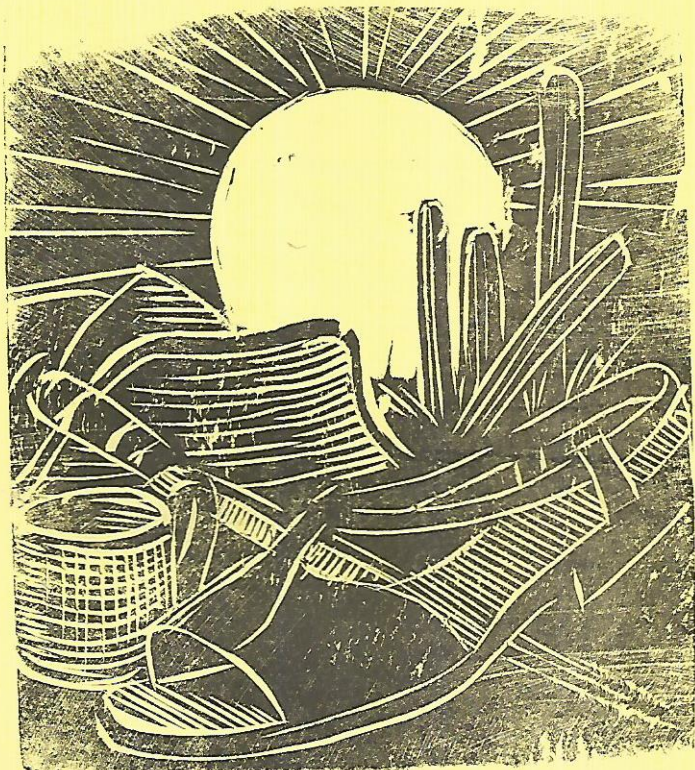


# A ROTINA DO CANGAÇO

E as Garras de Lampião

Autor: Antonio de Pádua Borges



Projeto Chico Traíra - nº 40



Fundação José Augusto  
Centro de Estudos e Pesquisas Juvenil Lamartine  
Natal-RN — 1998

# A ROTINA DO CANGAÇO E AS GARRAS DE LAMPIÃO

Antonio de Pádua Borges

Amigo se não sabia,  
É importante saber...  
Quem foi Virgulino Ferreira...  
Sua vida e seu proceder,  
E como se viu obrigado...  
Se vendo prejudicado,  
Enfrentando tudo até morrer.

O seu primeiro inimigo,  
Foi o tal José Saturnino...  
Eram amigos de infância,  
Sem o menor desatino...  
Viviam da criação...  
Sem rixa e sem discussão,  
Amigos desde menino.



Mas vejam qual o motivo,  
É porque se intrigaram...  
Foram pegar uma novilha,  
E a mesma não pegaram  
Porque o dito animal  
Penetrou no matagal  
E ambos se envergonharam

Um dia José Saturnino,  
Pegou o cavalo e selou..  
E destinou-se ao campo,  
Onde a novilha encontrou,  
Enfrentando espinho e orvalho...  
Botou na mesma um chocalho,  
E Virgulino não gostou.

Então Virgulino rixado  
Vendo a rês enchucalhada  
Pegou a mesma novamente  
E veja que trapalhada...  
Sem dúvida nada pensou,  
O chocalho todo amassou...  
Veja só que marmelada.

Foi este o primeiro motivo,  
Do sofrer de Lampião...  
Porque José Saturnino...  
Quis tomar satisfação,  
Ficaram logo intrigados...  
Todos dois prejudicados,  
Sem paz, e sem direção.

Então por este motivo,  
O senhor José Ferreira...  
Sendo o pai de Vigulino,  
Conhecido na ribeira...  
Tomando conhecimento,  
Reconheceu o tormento.  
Mudou-se daquela fronteira.

O senhor José Ferreira,  
Vivia comerciando...  
Mucrevava de feira em feira...  
Sempre vendendo e comprando,  
Porém José Saturnino...  
Atrapalhou o seu destino,  
Em tudo o prejudicando.

A história é quem relata,  
Que os filhos de José Ferreira...  
Viviam roubando gado...  
E nesta ação rotineira...  
José Saturnino enrixado...  
Deu parte ao delegado...  
Mandante naquela fronteira.

Mas quero deixar de lado,  
Esta primeira razão...  
Porque o senhor Virgulino,  
Foi o terror do sertão...  
Veja bem o resultado,  
O mesmo foi injustiçado,  
Sem a mínima proteção.

Aqui pretendo mostrar,  
O motivo em discussão...  
Mataram José Ferreira,  
Que era pai de Lampião...  
Quem matou? Foi a polícia,  
Com sua perene malícia...  
Ficando a morte sem punição.



O mesmo aconteceu,  
Com o senhor Antonio Silvino,  
Seu pai foi assassinado...  
Ele teve o mesmo destino,  
A justiça e a sociedade,  
Tinha a responsabilidade,  
De evitar o desatino.

Pretendo aqui relatar,  
Alguns fatos de Lampião...  
Certa vez ele chegou...  
Em uma agremiação...  
Era festa de casamento,  
E o mesmo sem fingimento,  
Castrou o noivo na ocasião.

E foi dormir com a noiva,  
Satisfeito até demais...  
Ordenando a cabroeira,  
Veja agora o que faz...  
Podem dançarem despidos,  
O que houver eu decido,  
Minha ordem ninguém desfaz.

Morava Artuzinho Vieira,  
Na cidade de Tacaratu...  
Ali chegou Lampião...  
Foi horrível o sururu,  
Sem o mínimo de acanhamento,  
Montou sobre um jumento...  
Obrigando-o a desfilar nu.

Então Artuzinho Vieira,  
Mediante o que sofreu...  
Vendeu tudo quanto tinha,  
E logo desapareceu,  
Ninguém sabe nem roteiro...  
E nem mesmo o paradeiro,  
Lamentando o que perdeu.

Um certo advogado,  
Escreveu em um jornal...  
Um artigo que circulou,  
Do sertão a capital...  
E na sua opinião,  
Era contra a Lampião,  
Mas coitado se deu mal.

Porque ai Lampião,  
tomando conhecimento,  
Pegou o dito jornal,  
E a guardou o momento,  
Até que um certo dia,  
O advogado nada sabia,  
Veja só o seu sofrimento.

Pegou o advogado,  
E logo lhe perguntou,  
Qual foi o mal que lhes fiz,  
E por que me acusou,  
E que vai lhe acontecer,  
É este jornal comer,  
Pra não ser tão falador.

Porém aquele Doutor,  
Procurando o ludibriar,  
Lia fazendo elogios,  
Com o fim de escapar,  
Disse Lampião de repente  
A leitura está diferente,  
Ainda quer me enganar ?



Então aí Lampião,  
Disse coma calado,  
Botou uma moringa com água,  
E afirmou cabra safado,  
Não faça nem cara feia,  
Pois um surrote de peia,  
Pra você tá preparado.

Aplicou uma grande surra,  
No infeliz jornalista...  
E disse você agora,  
Abra o olho e limpe a vista,  
E fique logo ciente,  
Se vacilar novamente...  
Ficarei na sua pista.

Quando nas ruas chegava,  
Procurava a delegacia...  
Matava toda polícia...  
Que na cidade existia,  
Soltava os prisioneiros...  
Que passava a ser cangaceiros,  
Aumentando mais a anarquia.

O bandido Virgulino,  
Com sua mau intenção...  
Pegou um proprietário,  
Veja a triste aberração...  
Encurralou todo gado,  
Matando tudo queimado...  
Sem a mínima compaixão.

Parecendo que era pouco,  
Queimou a casa também,  
Com tudo que lá existia...  
Mandou tudo para o além,  
Os animais morreram berrando,  
E ele o fogo aumentando,  
Sem ficar vivo ninguém.

Virgulino o Lampião,  
um velho assassinou...  
Ainda achando pouco,  
Um filho do velho forçou,  
Agora vá me mostrar...  
O seu irmão onde está,  
E a vida de todos tirou.

Na história de Lampião,  
Ele mesmo reconheceu...  
Que tinha se arrependido,  
No dia em que se atreveu...  
Foi entrar em Mossoró...  
Onde encontrou o pior,  
Perdeu dois cabras e correu.

As fúrias de Lampião,  
Junto a seus cangaceiros...  
Amedrontava o nordeste,  
E quem fosse seu coiteiro...  
Se a polícia sabia,  
Piores coisas fazia...  
Ao indefesso fazendeiro.

A situação era crítica,  
Para qualquer cidadão...  
Era um beco sem saída,  
Para o homem do sertão...  
Coitado do fazendeiro,  
Do nordeste brasileiro...  
Por conta de Lampião.



Concluindo a narração,  
Do assunto já citado...  
Lembro a gruta do Angico,  
O local indesejado...  
Onde Lampião terminou,  
Sua garra e seu furor...  
Com Maria Bonita a seu lado.

Meu caro amigo Naldo...  
Aceite um aperto de mão,  
Fiquei muito satisfeito...  
Com a sua cooperação,  
Sobre história de cangaceiro,  
Disponha do companheiro,  
Nesta simples inspiração.

A Fundação José Augusto,  
O mais sério agradecimento...  
Não posso nunca esquecer,  
Tão importante momento...  
Toda minha gratidão,  
Guardo a máxima atenção...  
A este importante evento

Vou aqui finalizar,  
O assunto é enfadonho...  
*Porque pra falar em tudo,*  
Preciso dormir e ter sonho...  
Pois a vida do cangaceiro,  
Perturbava o nordeste inteiro...  
Povo bom honesto e risonho.

O Padre Cícero Romão...  
E Floro Bartolomeu,  
A Lampião, concedeu...  
O título de Capitão,  
E de Tenente a seu irmão...  
Então a coisa aumentou,  
Seu poder multiplicou...  
Receberam farda e fuzil,  
E no Nordeste do Brasil...  
O cangaço mais se alastou.

# **FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO**

**Presidente: Woden Madruga**

**Centro de Estudos e Pesquisas**

**Juvenal Lamartine - (CEPEJUL)**

**Diretor: Dácio Galvão**

## **CONSELHO EDITORIAL**

**Aldivam Honorato**

**Crispiniano Neto**

**Jorge Rodrigues da Silva**

**Paulo Medeiros Gastão**

**Editoração e Impressão, Fundação  
José Augusto / Gráfica Manimbu,  
em 1998, com tiragem de 1.000  
exemplares.**



Antonio de Pádua Borges, nasceu em Brejinho-RN, há 11-01-1924, suas obras literárias se voltam à fatos ocorridos na região, esse cordel é a segunda obra do autor a ser publicada pelo Projeto Chico Traíra.

O poeta ainda tem outras obras inéditas a serem publicadas.

Xilogravura:

Gravador: Aucides Bezerra Sales —  
Nome artístico: Aucides Sales, nasceu em Caraúbas-RN, em 08-12-1954, Prof. de Educação Artística, Gravuras, Pintor, Escultor e Promotor Cultural.